

# ***ESTE É O LOBO E SE EU ABRIR ESTA PORTA AGORA...:*** **A RELEVÂNCIA DA MATERIALIDADE EM DUAS** **OBRAS DE ALEXANDRE RAMPAZO**

[*ESTE É O LOBO* AND *SE EU ABRIR ESTA PORTA AGORA...:*  
THE RELEVANCE OF MATERIALITY IN TWO WORKS BY ALEXANDRE RAMPAZO]

**DIANA NAVAS<sup>i</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-4516-5832>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo, SP, Brasil

**FERNANDA RIOS DE MELO<sup>ii</sup>**

<https://orcid.org/0009-0009-4284-6673>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – São Paulo, SP, Brasil

**Resumo:** A partir da leitura de *Este é o lobo* (2016) e de *Se eu abrir esta porta agora...* (2018), de Alexandre Rampazo, este estudo objetiva investigar como tais obras se constituem não meramente pelo texto literário, mas a partir da leitura sinérgica da tríade palavra, imagem e projeto gráfico. Amparada, principalmente, pelas reflexões de Alaca (2015, 2018), Linden (2011) e Ramos (2019), a leitura dessas narrativas nos permite evidenciar o papel assumido pela materialidade na ampliação dos sentidos suscitados pelo texto literário e a demanda do livro-álbum por um leitor mais ativo.

**Palavras-chave:** Alexandre Rampazo; materialidade; livro-álbum; projeto gráfico

**Abstract:** Based on the reading of *Este é o lobo* (2016) and *Se eu abrir esta porta agora...* (2018), both by Alexandre Rampazo, this study aims to investigate how such works are constituted not merely by the literary text, but from the synergistic reading of the triad word, image and graphic design. Supported, mainly, by the reflections of Alaca (2015, 2018), Linden (2011) and Ramos (2019), reading these narratives allows us to highlight the role played by materiality in expanding the meanings suggested by the literary text and the demand of the picturebooks for a more active reader.

**Keywords:** Alexandre Rampazo; materiality; picturebook; graphic project

## 1. Introdução: a materialidade de um objeto extraordinário

Na ocasião do lançamento de *Este é o lobo* (2016), Alexandre Rampazo realizou uma live para apresentar o livro. No encontro, o autor declarou que um livro-álbum precisa ser um objeto extraordinário, uma vez que a obra representa um encantamento para o leitor que vai em busca de uma aventura. Tal aventura, para Rampazo, no entanto, ultrapassa aquela propiciada pelo texto literário, expandindo-se, também, para a própria materialidade do livro.

Se, durante muito tempo, quando pensávamos no objeto livro, o que imediatamente nos vinha à mente era um conjunto de folhas encadernadas, e cuja leitura se iniciava a partir da figuração do texto verbal nas páginas, não é com essa realidade que nos deparamos ao observarmos a produção contemporânea preferencialmente destinada às crianças. Diversas e cada vez mais elaboradas e experimentais são as obras endereçadas a esse público, compostas, agora, não apenas pelo intrínseco diálogo entre o texto verbal e as ilustrações – presente, há muito, nos livros-álbum –, mas também pela inter-relação dessas linguagens com a do *design*, “[...] compondo um todo mesclado e interconectado de sistemas de signos que se juntam para formar uma sintaxe integrada” (Santaella, 2005, p. 135).

Estamos diante de livros em que aspectos, como o formato, a capa, a gramatura e o tipo de papel empregados, a exploração da tipografia, as cores, a diagramação, dentre outros elementos do projeto gráfico, assumem papel narrativo, contribuindo, dessa forma, para a construção de sentidos, juntamente com o texto literário e as ilustrações. Assim, se, por várias décadas, o aspecto material do livro foi considerado secundário – “nossa resposta automática e aprendida em relação aos livros às vezes nos leva a não perceber sua materialidade, uma materialidade que se rarefaz quando estamos lendo passivamente” (Alaca, 2019, p. 250, tradução nossa) –, o que se constata, na contemporaneidade, é a ruptura com o modo automatizado de se encarar o livro em sua dimensão material.

O livro-álbum é, assim, concebido não meramente como um conjunto de textos verbais, mas um objeto cuja materialidade, geralmente considerada “um meio utilizado para veicular uma narrativa, torna-se a própria narrativa [...] desafiando as experiências de leitura” (Alaca, 2015, p. 59, tradução nossa). Ou seja, o livro constitui-se não como

um mero suporte, como um portador neutro de conteúdo, mas como um objeto que com ele diretamente dialoga, aprofundando, dessa maneira, a fusão entre forma e conteúdo, e incluindo o próprio suporte como linguagem.

Recorrendo à metáfora construída por Odilon Moraes (2008), incontornável voz quando consideramos a crítica e a autoria de livros-álbum em nosso país, o livro possui um corpo – com formato, tamanho, cor, espessura das páginas – e também uma alma – o seu conteúdo, o que ele tem a contar. É a fusão de corpo e alma que garante a organicidade do livro-álbum, organicidade que, conforme nos ensina Linden (2011), é resultado de uma experiência expressiva planejada, na qual o autor pensa o objeto livro como parte da experiência do leitor durante o ato de leitura, e que requer do leitor uma nova postura, dado que, “para ler tais livros coerentemente, é necessário conhecer esses sistemas e colocar em jogo suas possibilidades e restrições” (Mackey, 2008, p. 115, tradução nossa).

O leitor, envolvido de uma forma que ultrapassa o nível intelectual, haja vista o investimento na mobilização de seus sentidos, diante de produções que promovem a (con)fluência entre o texto verbal, as ilustrações e o projeto gráfico, é requerido a “[...] decifrar, decodificar e ‘ler’ diferentes modos semióticos e suas combinações em um único ato de representação ou comunicação” (Hallet, 2018, p. 4). Convidado a efetivamente contribuir com a (re)construção da narrativa, a tornar-se uma espécie de coautor, dele é requerida não apenas a atenção cognitiva típica da leitura literária, mas também seu envolvimento sensorial. Uma leitura em que, além do prazer intelectual, experimenta-se o prazer tátil e visual e que colabora, dessa forma, para o desenvolvimento do leitor, seja em relação à capacidade de alfabetização e para bases de leitura ao longo da vida, seja em hábitos de aprendizagem fundamentais.

É a este tipo de produção que vem se dedicando Alexandre Rampazo, uma das mais importantes vozes no cenário brasileiro contemporâneo de livros-álbum destinados preferencialmente a crianças. Objetivamos, a partir da leitura de *Este é o lobo* (2016) e de *Se eu abrir esta porta agora...* (2018), evidenciar o papel assumido pela materialidade em suas construções e os efeitos de sentido por ela gerados a partir de uma leitura sinérgica da tríade texto literário, ilustração e projeto gráfico.

## 2 Alexandre Rampazo: um autor, múltiplas linguagens

Alexandre Rampazo nasceu e cresceu em São Paulo. Formado em Design pela Faculdade de Belas Artes, trabalhou como diretor de arte antes de se dedicar exclusivamente à arte de criar livros. Em 2001, começou a ilustrar obras de outros autores e alcançou a marca impressionante de mais de oitenta livros publicados. Desses, vinte e dois são de autoria única, ou seja, obras em que é o responsável pela elaboração do texto verbal, visual e, em alguns deles, do projeto gráfico. Dentre os temas abordados pelo autor, estão a memória, o silêncio, a solidão, além da retomada dos clássicos, traços que possibilitam às suas obras ultrapassarem as faixas etárias de seu público leitor.

Um dos autores mais laureados quando se trata de livro-álbum no país, Rampazo recebeu três vezes o Prêmio Jabuti e foi finalista por outras dez. Recebeu a distinção *IBBY Honour List 2022*, foi *Hors Concours* do Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) por seis edições e participou, ainda, da 26th Biennial of illustrations Bratislava e do catálogo *IBBY/FNLIJ's Selection Bologna Children's Book Fair*. Suas obras se encontram hoje já publicadas na América Latina e na Europa.

Na ocasião do lançamento de *Coisas para deslembrar* (2021), Odilon Moraes assim se referiu a Rampazo:

O que é preciso para ser um grande autor de livros ilustrados? Ter um bom desenho não basta. Saber contar histórias não basta. Jogar com palavras e imagens simultaneamente também não basta. É preciso tudo isso e mais algo, um jeito próprio de executar todas essas qualidades juntas dentro de um caderno de páginas. Isso é o que nos encanta em Alexandre Rampazo: sua maneira muito particular de nos apresentar as coisas, de encadeá-las, mostrá-las e também escondê-las de nós.<sup>1</sup>

É a sinergia na composição de palavras, imagens e projeto gráfico que almejamos demonstrar em *Este é o lobo* e em *Se eu abrir esta porta agora...*. Objetivamos evidenciar como o projeto gráfico, em intrínseco diálogo com o texto literário e as ilustrações – linguagens compositivas do livro-álbum –, assume um viés narrativo, ampliando os sentidos por elas suscitados.

---

<sup>1</sup> Depoimento no site do autor. Disponível em: [www.alerampazo.com.br](http://www.alerampazo.com.br). Acesso em: 5 jun. 2023.

## 2.1 *Este é o lobo*

Este é o lobo foi publicado em 2016 pela Editora DLC. Hoje, sua casa editorial é a Pequena Zahar. O texto se (des)vela como uma releitura de clássicos, em que o lobo é apresentado seguido de algumas personagens (re)conhecidas de diversos contos, como a Chapeuzinho Vermelho (Figura 1), a vovó, o caçador, uma princesa, um príncipe e os três porquinhos.

Figura 1: Chapeuzinho vermelho em *Este é o lobo* (2016).

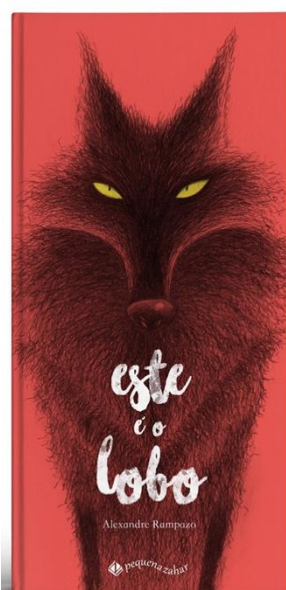


Fonte: Rampazo (2016).

A relevância da materialidade pode ser notada desde a capa, na qual está presente apenas o lobo (Figura 2), único a figurar também no título. Ainda que não esteja escrito lobo mau e “lobo” esteja escrito com a primeira letra em minúscula – o que nos mostra que não se trata de um nome próprio ou de uma personagem já conhecida –, somos levados imediatamente para as histórias com esse lobo mau. É essa visão “automatizada” em torno da personagem, fruto de nosso repertório de leituras literárias, que nos conduz a perceber o fundo, em vermelho, como uma possibilidade de perigo que ele pode nos trazer; os olhos, em amarelo, e que claramente nos encaram, deixam-nos instigados; o título em branco, por sua vez, salta do pelo escuro do animal e ganha destaque. A figura do lobo parece-nos, assim, assustadora, primeiramente, em razão do emprego das cores,

que, conforme nos explica Molly Bang, em *Picture this – how pictures work* (2016), têm um efeito muito forte nos leitores, até mais intenso que outros elementos contidos nas imagens. Além disso, o lobo parece quase ultrapassar os limites do suporte com seus pelos eriçados, os quais se estendem pela lombada do livro. A opção pela capa dura, por sua vez, reforça a ideia de força da personagem, e a sensação de perigo suscitada por estes elementos gráficos se prolonga no leitor, levando-o a imaginar: o que será que este lobo fará?

Figura 2: Capa de *Este é o lobo*.



Fonte: Rampazo (2016).

A escolha do formato também não é ocasional. Com dimensões de 14 x 31 cm, conhecido como formato francês, a obra é mais alta que larga, verticalidade que confere grandiosidade à imagem do lobo. Além disso, conforme nos ensina Linden (2011), nesse formato, as imagens ganham a impressão de aparecer de modo isolado, o que reforça o caráter de solidão do lobo.

Na quarta capa, o escritor João Anzanello Carrascoza (des)vela o que encontraremos ao adentrarmos na obra:

Eis uma história distinta de todas as atravessadas por lobos. Aqui não há medo, mas solidão. Alexandre Rampazo sacode, com lindas imagens e palavras, a rede onde estão, presos a velhos sentidos, personagens singulares do nosso imaginário, como a Chapeuzinho Vermelho, sua avó e o caçador, o príncipe, a princesa e os três porquinhos. Ao lado do lobo

ou dele apartadas, elas ganham um inédito significado – graças, sobretudo, à sensibilidade de um menino. Um menino que não é senão o próprio Rampazo e todos nós, leitores, que, por meio de narrativas, re-descobrimos (mesmo em condições suspeitas) as maravilhas da amizade.

A narração por meio do uso das cores e componentes gráficos prolonga-se na folha de rosto. O título, o nome do autor e da editora estão sobre um fundo preto, reforçando a ideia de medo e solidão já anunciados na capa. Ainda assim, motivado pela curiosidade, o leitor vira a página e depara-se com o texto verbal, presente sempre na página esquerda da dupla, e com a imagem na página direita. A opção do autor pela disposição do texto e da imagem demonstra-nos que ele sugere também ao leitor direcionar o seu olhar primeiro para a imagem e só depois para o texto, o qual nos confirma o que estamos vendo.

Entre uma personagem e outra, o lobo ressurgue sempre seguido da afirmação “este é o lobo”, escrita em caixa alta, estratégia gráfica importante, uma vez que, conforme nos explicam Serafini e Clausen, “o tamanho relativo destas palavras ampliadas faz com que se queira lê-las em voz alta com mais ênfase, ou dar-lhes mais atenção à medida que se lê o texto para si próprio” (2012, p. 10, tradução nossa), e que, na obra de Rampazo, sugerem-nos, a princípio, a força e o potencial amedrontador do lobo. À repetição do texto verbal enxuto soma-se sempre a repetição da imagem dessa personagem, que, entretanto, vai se tornando menor ou se afastando do leitor em função da perspectiva adotada na elaboração da ilustração. É válido destacar que as ilustrações das personagens se constroem a partir de traços finos, que nos permitem ver detalhes de suas expressões faciais e movimentos. Centralizadas nas páginas sobre um fundo branco, sem a presença de cenário – o que lhes confere protagonismo –, as personagens ganham volume por meio das cores e traços empregados, os quais lhes trazem vida e as aproximam do leitor.

Dessa forma, por meio do jogo entre o que é enunciado pelo texto verbal, as ilustrações e a própria exploração dos espaços em branco da página – que se tornam cada vez maiores –, constrói-se a sugestão de uma diminuição da personagem lobo ou do medo que ela poderia provocar. Ou seja, a repetição da figura do lobo, bem como da frase, em vez de gerar mais e mais terror no leitor, acaba causando-lhe um certo (re)conhecimento: quanto mais se conhece o lobo, menos se tem medo dele. A representação desse leitor surge estampada na obra a partir da figura de um menino, que ganha destaque ao tomar a cena e ao convidar o mesmo lobo, tão assustador de início, para brincar. O lobo,

diferentemente do que nosso horizonte de expectativa a princípio poderia sugerir, mostra-se feliz e receptivo ao convite.

Nota-se, conforme brevemente apontamos, que a narrativa não é construída apenas pelo texto verbal. A ele, além das ilustrações, soma-se, conforme podemos observar, um cuidadoso e significativo trabalho com os elementos gráficos do livro – capa, cores, diagramação, formato, tipografia –, os quais caminham sinergicamente em prol de uma narrativa em que forma e conteúdo se apresentam de forma integrada. Conforme nos explica Miguel Leocádio Araújo Neto, em *Sobre a materialidade dos livros e seus sentidos*,

É nesse sentido que se pode examinar a materialidade de um livro literário, pois justifica-se a associação entre “materialidade” e “sentido”, numa confluência que converge para a “cultura material” da literatura e, portanto, para a própria história cultural, tendo o livro, enquanto objeto, como um dos elementos reveladores de orientações estéticas e ideológicas (Araújo Neto, 2006, p. 134).

*Este é o lobo* constitui-se, assim, como um exemplo de livro-álbum contemporâneo, que nos convida à (re)leitura de contos clássicos, mas que o faz a partir da tríade texto verbal, ilustração e design, desafiando o leitor a (des)velar não apenas os sentidos sugeridos pelo texto verbal, mas a se embrenhar nas diferentes linguagens compositivas e camadas de sentidos de que se constitui esse livro de Rampazo.

## 2.2 *Se eu abrir esta porta agora...*

*Se eu abrir esta porta agora...* seduz o leitor desde o título. As reticências instigam-nos a saber o que se encontra atrás da porta. As cores preto e azul, que ocupam toda a capa (Figura 3), sugerem um clima soturno e um certo temor do que ali se encontrará, atmosfera que se adensa à medida que observamos a figura de um nariz pontudo de um animal, que aparece brevemente no canto do quadro, simulando estar abrindo a porta e nos provocando ainda mais a saber qual será a descoberta a ser feita. O título em azul contrasta com o preto da porta, parecendo apontar para uma espécie de luz em meio à escuridão. Nesse mesmo viés, o nome do autor surge em branco, sugerindo ser aquele que pode trazer a claridade; logo abaixo, o nome da editora, em branco e azul, parece já apontar para o jogo que encontraremos ao adentrar na obra.



Figura 3: Capa/Luva de *Se eu abrir esta porta agora...*



Fonte: Rampazo (2018).

O formato da obra estabelece claro diálogo com o seu conteúdo. Com dimensões de 13,5 x 23 cm e um total de 56 páginas, a obra, assim como *Este é o lobo*, apresenta também um formato vertical, o que, no caso, a aproxima da forma de portas. O livro possui ainda uma luva que se desdobra para trazer a ficha técnica, que, na cor branca, facilita a leitura das informações. O que mais atrai a atenção do leitor, no entanto, não é o seu formato vertical, mas o fato de se apresentar como um livro sanfona ou livro acordeão, como denominado em Portugal (Figura 4).

O formato acordeão ou concertina é caracterizado por ser uma tira longa de papel que destaca a materialidade do design do livro e a relação visual da sequência de imagens que às vezes são comparadas a um mural, a um afresco ou a um friso. No entanto, quando dobrado, o livro-álbum sanfonado assume a forma de um livro mais convencional, principalmente quando utiliza uma composição de página dupla (Ramos, 2019, p. 314, tradução nossa).

A exigência do desdobrar das páginas de forma gradativa que tal formato implica contribui diretamente para o clima de suspense e de surpresa que se deseja instaurar na narrativa, de modo que a materialidade do livro prolonga os sentidos do que está sendo narrado pelo texto verbal e pelas ilustrações.

Figura 4: Formato sanfona de *Se eu abrir esta porta agora...*



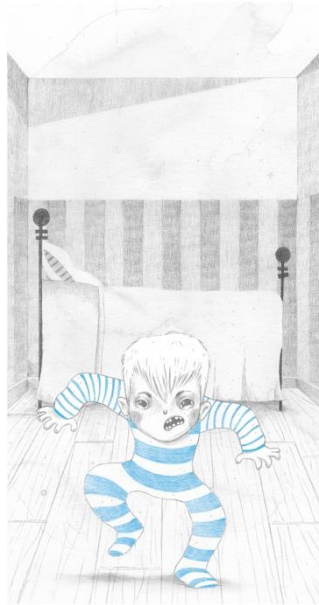
Fonte: Rampazo (2018).

Descobrimos, ao abrir o livro, que o título é seu *incipit* e, imediatamente, estabelece-se um jogo com o leitor. A frase “Se eu abrir esta porta agora” figura na página da esquerda em meio ao branco da página; na da direita, surgem as ilustrações – inicialmente a da porta cerrada e, posteriormente, em preto e branco, com pinceladas de azul, figuras monstruosas com olhares que encaram fixamente o leitor. Na virada da página, há novamente esta sequência, que será adotada ao longo da obra: o texto na página segura e uma figura monstruosa na página aventureira, lógica utilizada, como vimos, também em *Este é o lobo*.

Ao apresentar diversos seres que aparecem nas portas, Rampazo traz à luz os mais diferentes medos infantis. A repetição, conseguida não meramente em função da permanência do texto “Se eu abrir esta porta agora”, mas também pelo tipo e conteúdo das ilustrações e pelo projeto gráfico que simula, a cada virada de página, por meio de sua dobra, uma nova abertura de porta pelo leitor, ajuda-nos a imaginar e formular qual será o próximo monstro a surgir.

A cada porta que se abre, temos um fragmento da voz do narrador, cuja inocência pode ser percebida ao afirmar que “Ele pode até tomar o meu lugar e fingir que sou eu” (Rampazo, 2018, s.p.), ou ainda, que “Ele vai ficar com meu quarto, meus brinquedos, minha mãe, meu pai”, permitindo-nos inferir tratar-se de uma voz infantil. Fechamos o livro e um leitor desavisado pode até pensar que seria seu fim. No entanto, é só virá-lo que, finalmente, reconhecemos o dono da voz que nos acompanha durante o percurso (Figura 5).

Figura 5: O menino imita um monstro.



Fonte: Rampazo (2018).

Ao girar o livro, acompanhamos o menino observando um monstro, agora do ponto de vista do quarto em direção ao armário. O monstro, então, conta-nos como irá brincar com o menino. Graças à exploração do aspecto material da obra, dois lados de uma mesma narrativa podem ser contados. Ou seja, em razão do formato, torna-se possível, aqui, mantermos duas perspectivas, duas vozes narrativas, a do menino e a do monstro, o que contribui para que o leitor reconheça o quanto o medo – tema recorrente em suas obras – faz parte da constituição do indivíduo, bem como para que compreenda como uma mesma situação pode ser percebida a partir de diferentes pontos de vista.

Para além do formato, é válido destacar a presença de um certo emolduramento que cada virar de página apresenta, elemento gráfico aqui importante para a expansão dos sentidos sugeridos pelo texto verbal e ilustrações. As portas, como podemos observar, formam molduras, as quais, segundo Linden (2011), têm a função de delimitar um espaço narrativo coerente. No caso dessa obra de Rampazo, as molduras-portas delimitam o que vemos do quarto do menino ou de sua imaginação, ou seja, somente vemos o que nos é permitido ver; a moldura formatada pela porta aguça, assim, a curiosidade do leitor e garante justamente o clima de suspense e surpresa da narrativa.

Remy Charlip, em seu ensaio “Uma página é uma porta”, revela que o elemento surpresa é impulsionado pelo poder físico que sentimos em nossas mãos quando movemos a página, ou porta, para revelar uma mudança em tudo o que aconteceu antes: tempo, lugar ou personagem. É exatamente isso o que é literalmente materializado, graças ao projeto gráfico do livro, em *Se eu abrir esta porta agora...* Sua leitura, ao demandar uma nova forma de interação e manipulação do objeto livro em razão do formato que assume, convida o leitor, inclusive fisicamente, para o jogo de (des)velamento da surpresa narrativa.

Caracterizados pela sua ludicidade (relacionada com a subversão do formato do livro) e/ou pelas suas qualidades estéticas, os livros sanfonados desafiam o processo de leitura tradicional ao promoverem novas formas de manipulação do livro de forma a descobrir a relação entre conteúdo e formato e as implicações da estrutura na construção do livro e sua(s) mensagem(ns). A interpretação resulta de várias atividades, desde a exploração de cada página, mas também da imagem completa resultante do seguimento daquela sequência específica (Ramos, 2019, p. 317, tradução nossa).

A leitura, assim, deixa de ser apenas um ato intelectual para tornar-se uma leitura performativa. As mãos, aqui, tornadas agentes responsáveis pelo virar/abrir as “páginas-portas”, exemplificam-nos o quanto a leitura pode tornar-se um ato corporal e mobilizador de nossos diferentes sentidos quando estamos diante de livros-álbum que congregam, de forma harmoniosa e sinérgica, o texto verbal, as ilustrações e o projeto gráfico. Uma leitura que, justamente por ser mais desafiadora, cada vez mais conquista novos leitores das mais diferentes idades.

### **Considerações finais**

A questão da materialidade está cada vez mais presente nos estudos literários, especialmente na esfera dos livros-álbum. Neste estudo, procuramos refletir acerca de duas obras de Alexandre Rampazo, no que tange ao papel assumido pela componente material do livro como elemento narrativo.

A leitura das obras permitiu-nos, ainda que de forma geral, observar como o formato da obra atua de forma significativa na construção de sentidos. Se, em *Este é o lobo*, o formato vertical garante o protagonismo a essa figura, construída, em um primeiro momento, como amedrontadora, é justamente tal formato que possibilita, por meio da exploração do espaço da página, ressaltar seu afastamento em relação ao leitor e

consequente isolamento, imagem que representa, metaforicamente, a superação do medo infantil normalmente atrelado à personagem. Em *Se eu abrir esta porta agora...*, o formato vertical permite simular portas que vão sendo abertas, havendo, para além de sua verticalização, a questão das molduras e do formato sanfonado que reforçam a sensação de abertura das portas e deixam, literalmente nas mãos do leitor – que precisa manusear o objeto livro de modo diferenciado – a potência de (des)vendar o suspense e a surpresa que se escondem atrás de cada uma delas.

Além do formato, outros elementos gráficos são explorados na composição dessas duas obras, tais como as cores, responsáveis pela criação de atmosferas sombrias, soturnas, a exploração da tipografia, com clara recorrência ao uso de caixa alta, o jogo com a dupla página e a estrutura de repetição, a diagramação, a utilização do espaço em branco da página, dentre outros, que nos permitem construir sentidos quando colocados em diálogo com a ilustração e o texto verbal. Longe de meramente estar a serviço de adornar o livro e torná-lo mais bonito e atraente, o trabalho com o projeto gráfico adiciona camadas de sentido ao texto, desafiando o leitor a (des)vendá-las.

A materialidade de uma obra, além de lhe conferir valor comercial, amplia os efeitos de sentido de um texto, ao mesmo tempo em que sugere gestos e ritmos de leituras, além de influenciar as formas de manuseio de um livro. Por esse ângulo, o livro infantil explora a seu favor a força da própria forma, seja sob o ponto de vista de sua comercialização, funcionando como elemento de sedução do pequeno leitor, seja como elemento produtor de sentidos para a própria leitura (Silva; Soares, 2020, p. 148).

*Este é o lobo* e *Se eu abrir esta porta agora...* demandam do leitor assumir um papel ativo na experiência de leitura e a capacidade de ler, de modo simbiótico e holístico, os sentidos gerados pela interação palavra, imagem e projeto gráfico, leitura que, justamente por ser desafiadora, não se limita unicamente ao público infantil.

## Referências bibliográficas

ALACA, I. V. Materiality in picturebooks. In: KÜMMERLING-MEIBAEUR, B. (ed.). *The routledge companion to picturebooks*. Oxon/NY: Routledge, 2015. p. 59-68.

ALACA, I. V. Materiality in picturebooks. In: KÜMMERLING-MEIBAUER, B. (ed.). *The routledge companion to picturebooks*. Oxon/NY: Routledge, 2018. p. 59- 68.

ARAÚJO NETO, M. L. Sobre a materialidade dos livros e seus sentidos. *Revista de Letras*. Fortaleza, v. 1-2, p. 132-137, 2006.

BANG, M. *Picture this: how pictures work*. San Francisco: Chronicle Books, 2016.

CHARLIP, R. *A page is a door*. Ensaio em ocasião da indicação de A invenção de Hugo Cabret, de Brian Selznick, para o Caldecott Medal, s.d. Disponível em: [https://www.theinventionofhugocabret.com/remy\\_essay.htm](https://www.theinventionofhugocabret.com/remy_essay.htm). Acesso em: 5 jun. 2023.

DOMINGUES, H. N. S.; MARSON, C. R.; MARTHA, A. A. P. Se eu abrir esta porta agora: projeto gráfico-editorial e perspectivas de leitura. *Acta Scientiarum*. Language and Culture, n. 42, v. 2, ago. 2020.

HALLET, W. Reading multimodal fiction: A methodological approach. *Anglistik*, v. 1, n. 29, p. 25-40, 2018.

KÜMMERLING-MEIBAUER, B. From baby books to picturebooks for adults: European picturebooks in the new Millennium. *Word & Image*, v. 3, n. 31, p. 249-264, 2015.

LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MACKEY, M. Postmodern picturebooks and the material conditions of reading. In: SIPE, Lawrence R.; PANTALEO, S. J. (ed.). *Postmodern picturebooks: play, parody and self-referentiality*. Oxon/NY: Routledge Research in Education, 2008. p. 103-117.

RAMOS, A. M.; MATTOS, M. Aproximações ao livro-álbum lírico contemporâneo português e brasileiro: uma análise comparada. *Revista Alea – Estudos Neolatinos*, v. 3, n. 21, p. 149-166, 2019.

RAMOS, A. M.; NAVAS, D. Ismália e O arenque fumado: a expansão de sentidos a partir da materialidade do livro. *Revista Fronteiraz*, n. 24, p. 40-56, 2020.

RAMOS, A. M. The accordion format in the design of children's books: a close reading of a portuguese collection. *Libri & Liberi*, v. 2, n. 8, p. 313–328, 2019.

RAMPAZO, A. *Este é o lobo*. São Paulo: DCL, 2016.

RAMPAZO, A. *Este é o lobo*. São Paulo: Editora Sesi, 2018.

SANTAELLA, L. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal – aplicações na hipermídia*. São Paulo: Iluminuras; FAPESP, 2005.

SERAFINI, F.; CLAUSEN, J. Typography as semiotic resource. *Journal of Visual Literary*, v. 21, n. 2, 2012.

SILVA, M. C.; SOARES, J. S. Prêmio FNLIJ ‘o melhor projeto editorial’: elementos da materialidade no livro de literatura para crianças. *Fronteiraz*, v. 1, p. 138-152, 2020.

*Recebido em: 29/06/2023*  
*Aceito em: 18/01/2024*

---

<sup>i</sup> **Diana Navas** é mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP, doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e realizou estágio pós-doutoral na Universidade de Aveiro, Portugal. Atua como professora do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária e no Programa de Língua Portuguesa da PUC-SP. Suas pesquisas recentes concentram-se nas tendências da literatura juvenil contemporânea brasileira e portuguesa. É bolsista produtividade CNPQ e líder do Grupo de Pesquisa (PUC-SP/CNPQ) “Literatura Juvenil: questões teóricas e práticas de leitura”. **E-mail:** dnavas@pucsp.br

<sup>ii</sup> **Fernanda Rios de Melo** é graduada em Cinema pela FAAP, bacharel e licenciada em Letras Português- Alemão pela FFLCH-USP. Em 2011, fez um intercâmbio de um semestre na Freie Universität Berlin. É mestre em Letras na área de Língua e Literatura alemã pela FFCH-USP e, atualmente é doutoranda em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. De 2018 a 2020, cursou a pós-graduação em Formação de Escritores no núcleo de Literatura Infanto-juvenil do Instituto Vera Cruz. Em 2019, venceu o ProAc de Literatura Infantil e em 2020 publicou seu primeiro livro pela editora Ôzé. **E-mail:** fernandariosdemelo@gmail.com